
UM OLHAR PASTORAL AO DOCUMENTO DA CNBB SOBRE OS JOVENS: evangelização da juventude – desafios e perspectivas pastorais

Glaucio Luiz Mota

Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado de Santa Catarina, Pós-Graduando em Juventude, Religião e Cidadania pelo Instituto de Teológico de Santa Catarina, Assistente de Pastoral do Colégio Marista - Criciúma, Assessor da Pastoral da Juventude na Diocese de Criciúma - SC, Criciúma, SC - Brasil, e-mail: gmota@marista.org.br

Evangelização da juventude na ótica da CNBB

Historicamente a juventude tem desempenhado papel de destaque na Igreja, seja como destinatária da evangelização, seja como presença evangelizadora e renovadora. Os jovens, segundo a CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, devem receber especial atenção devido a sua vulnerabilidade social. Ainda, para a CNBB, a sociedade apresenta à juventude “uma oferta imensa de experiências potenciais e de conhecimento, mas não lhes fornece recursos adequados para satisfazer suas aspirações”.¹ Para isso, a Igreja assume uma pastoral orgânica para a juventude “visando à formação das futuras lideranças sociais e políticas”. (CNBB, 2003, p. 198).

Para consolidar essas afirmações, a Igreja Católica, representada pela CNBB, sente a necessidade de um pronunciamento oficial. Assim, temos: *Evangelização da Juventude - Desafios e Perspectivas Pastorais*. Brasília. Edições CNBB, 2007.

¹ Diretrizes gerais da ação evangelizadora da igreja no Brasil 2003-2006, n.º 198.

A história do documento

Alguns estudos da CNBB foram diretos na apresentação de temas relacionados à juventude: *Pastoral da Juventude*, n.º 44, e o *Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Brasil*, n.º 76, além de abordagens de outros temas como: a questão vocacional, a catequese, a educação. No entanto, até então, não havia nenhuma publicação oficial sobre a evangelização da juventude nas suas várias realidades e segmentos, com peso de documento e que englobasse todas as juventudes, inseridas ou não no meio eclesial.

Diante da pouca mobilidade do episcopado e da urgência em discutir a juventude, seus problemas e necessidades, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil escolhe, em 2005, aquele que seria o tema central da 44.ª Assembléia da CNBB, em 2006: A evangelização da juventude. Para tal, foi delegado um grupo escolhido pela CNBB que elaboraria instrumentos, os quais fundamentariam as discussões da assembléia acerca desse tema.

O resultado das discussões da assembléia foi convergido na publicação do estudo n.º 93, intitulado: *Evangelização da Juventude - Desafios e Perspectivas Pastorais*. Tal documento foi disseminado nas bases eclesiais, para que retornasse com contribuições de jovens e especialistas em juventude a fim de que, na 45.ª Assembléia da CNBB, fosse mais uma vez apreciado pelos Bispos na possibilidade de ser aprovado e publicado como documento oficial da Igreja no Brasil e foi o que aconteceu.

O que traz o documento

É preciso antes de tecer qualquer crítica ao documento, seja ela positiva ou não, valorizar o pronunciamento, mesmo que tardio, do episcopado brasileiro diante dos clamores da juventude. Mesmo que o presente documento não trouxesse novidade, e ele traz, é preciso reconhecer a louvável iniciativa da CNBB em dirigir palavras aos jovens brasileiros.

O documento é dividido em três partes. O primeiro capítulo, *Elementos para o conhecimento da realidade dos jovens*, traz questões históricas e culturais da modernidade e da pós-modernidade e o perfil socioeconômico e religioso da juventude. Além disso, demonstra o relato da experiência acumulada da Igreja na evangelização da juventude. O segundo capítulo, *Um olhar da fé a partir da*

palavra de Deus e do magistério, apresenta o olhar teológico sobre a juventude à luz da palavra de Deus. E o terceiro, *Linhas de ação*, traz pistas concretas para a evangelização da juventude.

Conhecendo os jovens e as juventudes

A evangelização exige conhecimento da realidade de quem se deseja evangelizar. Essa é uma lógica que não se dispensa ainda mais em se tratando da juventude. O documento começa falando da realidade juvenil, levando em conta que essa fase da vida é tomada pela inconstância, pelas limitações e por potencialidades. Essas características são contextualizadas com as constantes mudanças sociais, históricas e culturais no mundo.

De um lado, apresenta-se a cultura moderna caracterizada pela “centralidade da razão, a liberdade, a igualdade e a fraternidade” (CNBB, 2007, p. 11). De outro lado, apresenta-se a cultura pós-moderna com “mudanças no cenário, velocidade e volume da informação, a rapidez com que a tecnologia mudou o cotidiano, novos códigos e comportamentos” (CNBB, 2007, p. 12).

Diante destas possibilidades culturais, a primeira questão pertinente que o documento traz diz respeito à busca de equilíbrio entre a razão e a emoção introduzidos na sociedade pela modernidade e a pós-modernidade. Esse pressuposto da evangelização levanta a seguinte pergunta: como a evangelização da juventude poderá contrapor os problemas trazidos pela subjetividade, pelo pluralismo religioso e pela centralidade das emoções?

A subjetividade na sociedade atual tem moldado um perfil de ser humano cada vez mais centrado em si mesmo e insensível às causas coletivas. A partir dessa lógica, a vida humana, muitas vezes, é encarada de forma fria e inescrupulosa. O imediatismo, influenciado pela subjetividade, cria a idéia de que tudo é descartável, desde os produtos de consumo até a vida humana.

Essa idéia acaba gerando mudanças até na própria religiosidade que, de prática coletiva, passa a ser uma prática individual fazendo com que a fé não seja mais professada de forma institucional. Essa afirmação é comprovada pelo fato de que muitos jovens possuem uma aversão aos entraves burocráticos e conservadores que a instituição eclesial impõe a eles.

Diante disso, o documento reflete as novas expressões da vivência do sagrado como fuga de tais incertezas humanas e como busca da realização de suas próprias necessidades. É a partir dessa realidade que entendemos o

surgimento de inúmeras denominações religiosas cristãs com doutrinas que se adaptam a partir do que os seus “clientes” desejam consumir espiritualmente. Com isso, deixam de lado a fidelidade ao evangelho criando uma espiritualidade que satisfaça somente as necessidades de seus fiéis.

Outra questão que essa primeira parte do documento apresenta é justamente uma das saídas de igrejas e religiões para manter seus adeptos, que seria a apelação para o emocional. A centralidade das emoções, um outro aspecto refletido no documento, aponta metodologias as quais usam o aspecto emotivo e subjetivo por parte das igrejas neopentecostais. Seria interessante ressaltar que o documento não faz menção aos movimentos católicos que também se utilizam dessa prática. Talvez como estratégia política, o que seria uma contradição, ou por imaginar que isso ocorrerá de forma pedagógica ao longo do processo evangelizador proposto por esse documento.

Na sequência do primeiro capítulo, o perfil da juventude brasileira relata essa fase da vida que possui a face das incertezas, dos desafios e das potencialidades. Seria de suma importância que cada evangelizador conseguisse levar em conta todas estas características juvenis. Tanto o clero como as lideranças leigas, sobretudo adultos, ainda possuem certa ignorância com relação ao fenômeno juvenil desconsiderando aspectos sociais, culturais e econômicos importantes para a evangelização da juventude. Nesse sentido, uma atitude importante seria encarar o jovem não somente como “ovelha perdida” que merece cuidados paternalistas, mas como pessoa que precisa ser empoderada para resistir às pressões que o sistema neoliberal lhes impõe proporcionando, assim, autonomia e emancipação.

A juventude brasileira, em torno de 47 milhões, possui inúmeras dificuldades. Por conta disso, precisaria ser mais valorizada, até porque esse grupo populacional consiste em uma potencial de massa produtiva para o desenvolvimento do país.

Outro aspecto que necessitaria ser abordado de forma mais ampla pelo documento seriam os problemas emocionais que a juventude apresenta face à falta de estrutura familiar. A família é uma temática inevitável nos debates sobre os problemas enfrentados pelos jovens, por isso, mereceria mais destaque.

Outro ponto que aparece no primeiro capítulo demonstra como se dá o protagonismo e a participação social do jovem. Para entender estas questões é importante saber como a sociedade concebe a juventude. As propagandas e novelas promovem um tipo de jovem esteticamente perfeito, saudável, sem problemas e despreocupado. Já os noticiários mostram jovens, principalmente

negros e pobres, envolvidos em problemas de toda ordem. Essas características são agregadas ao senso comum de que toda a juventude é “individualista, consumista e politicamente desinteressada” (CNBB, 2007, p. 37).

A pesquisa apresentada no documento acaba afirmando tal pensamento, mas também aponta outras formas de participação juvenil e chama a atenção para falta de espaços adequados para o engajamento social da juventude. É importante ressaltar que a própria Igreja não acolhe bem os jovens, o que acaba construindo seu perfil religioso caracterizado por uma crença desvinculada da instituição religiosa. Marca disso está no desligamento do jovem das tradições religiosas familiares.

Ainda sobre o perfil religioso do jovem, um reconhecimento visto no documento refere-se à falta de uma proposta evangelizadora para os adolescentes, os quais precisam de um espaço diferenciado para quem está nesta fase da vida.

Apesar destas limitações o documento ressalta, com toda razão, a importância das manifestações juvenis nas comunidades de base e nas paróquias onde os jovens participam ativamente de vários setores, pastorais, movimentos e outras iniciativas eclesiais.

Fechando o primeiro capítulo, o documento aborda o valor da experiência acumulada da Igreja como fonte riquíssima de aprendizado pastoral. Por meio desse legado histórico, é possível vislumbrar um horizonte que é construído com o acúmulo de experiências da Igreja realizadas com erros e acertos. Assim, pode-se pensar e adaptar a evangelização para os dias atuais.

A juventude como lugar teológico

Quando se houve falar em evangelização da juventude, tal tema poderia soar desprezioso, passando a idéia de que a juventude é mera receptadora da evangelização. Mesmo o jovem pouco conhecedor da teologia, da filosofia e da metodologia pastoral, seria ele, também, capaz de evangelizar?

O segundo capítulo do documento *Evangelização da Juventude, Um olhar da fé a partir da palavra de Deus e do Magistério*, apresenta pressupostos teológicos para a evangelização da juventude na comunidade cristã.

O pressuposto, *O seguimento a Jesus Cristo* aponta a característica cristocêntrica da Igreja. Jesus é o “caminho, verdade e vida”. A Igreja deve apresentar ao jovem o Cristo que caminha junto com ele, que o escuta e lhe traz

respostas para “as suas angústias e aspirações mais profundas” (CNBB, 2007, p. 54). Todo jovem é chamado a ser discípulo a partir do exemplo de Maria, seguidora de Jesus Cristo, e, desse modo, assim como ela, ser um evangelizador.

Outro pressuposto apresentado no segundo capítulo, *Igreja, comunidade dos discípulos de Jesus*, aponta a Igreja comunidade como principal lugar de evangelização.

Infelizmente o jovem na comunidade, muitas vezes, além de não ser bem acolhido, vê a Igreja somente como instituição burocrática e conservadora, sem percebê-la como lugar de comunhão e evangelização. Essa é uma advertência para a forma como mostramos a Igreja para a juventude.

Além disso, uma importante ressalva faz o documento com relação ao espaço dado ao jovem nas instâncias de decisões. Inserir o jovem na Igreja não é tratá-lo como mero coadjuvante, mas é permitir que ele deixe sua marca criativa e inovadora nos vários espaços eclesiais.

Em seguida, é lançada uma questão que talvez seja a mais importante do documento: “O jovem necessita não somente que falemos para ele de um Deus que vem de fora, mas de um Deus que é real dentro dele em seu modo juvenil de ser alegre, dinâmico, criativo e ousado” (CNBB, 2007, p. 80). Com essa afirmação, a Igreja reconhece no jovem um lugar teológico. Isto abre, profeticamente, possibilidades de mais abertura da Igreja para o mundo juvenil.

Com esse pensamento, a juventude é encarada como uma fonte teológica até nos erros cometidos, pois nos permite aprender com eles e nos humaniza ao ponto de causar transformações em nossas ações pastorais; estas mudanças são boas, não somente para os jovens, mas para toda a Igreja.

O pressuposto seguinte, *Construção de uma sociedade solidária*, reafirma a missão da Igreja de colaborar na construção de um mundo mais justo e fraterno. Para isso, a juventude deverá ampliar seu próprio campo de relações afetivas para outras mais amplas e globais. A ação evangelizadora precisa contemplar a dimensão sócio-política do jovem para que ele seja promotor da cidadania plena para todos, sobretudo os mais necessitados.

Essa afirmação, teoricamente, teria que mudar a postura de certos movimentos eclesiais que acentuam sua metodologia em aspectos emocionais e acabam promovendo a alienação de seus participantes para as questões políticas. Mas, na prática, o que vemos é o crescimento de jovens que aderem a esse tipo de metodologia. A resposta da Igreja para essa insistência não está no documento.

Por fim, o capítulo se encerra com *Pronunciamentos* do magistério sobre a juventude. Aqui o documento lembra as palavras de João Paulo II, na encíclica *Christifideles Laici*, que retoma o Concílio Vaticano II, afirmando que a Igreja tem muito a dizer para os jovens e esses tem muito a dizer à Igreja. Essa dialogicidade deve se materializar por meio de “uma autêntica pastoral de juventude” (CNBB, 2007, p. 89).

Evangelizando a juventude de forma concreta

A evangelização precisa ser pensada como um processo que leve em conta todas as dimensões do ser humano. Na terceira e última parte do documento são apresentadas linhas de ação para a evangelização da juventude. Estas linhas pressupõem um processo que possibilite a cada jovem a construção do seu projeto de vida e sua participação na edificação do reino definitivo. As linhas são as seguintes:

1) Formação integral do discípulo

Nessa linha de ação, é reconhecida uma opção pedagógica utilizada pelas Pastorais da Juventude há muito tempo que é a formação integral. Evangelizar a juventude, considerando o jovem como um todo, possibilita que não se reduza a formação a uma de suas dimensões, pelo contrário, devemos considerar cada dimensão, seja pessoal, comunitária, teológica, sócio-político-ecológica e de capacitação.

Dentro das pistas sugeridas para esta linha de ação, é importante ressaltar a conscientização vocacional na construção do projeto de vida. O documento não cita, mas vale dizer que a parceria com o Serviço de Animação Vocacional (SAV) é de suma importância. Para isso, a SAV deverá ampliar ainda mais seu alcance pastoral para que não se resuma somente em trabalhar com as vocações religiosas e sacerdotais.

Outra pista importante está na organização da Catequese Crismal. Não só na organização, mas na prática dessa idéia que existe há tempos e que pouco é ressignificada.

Uma possibilidade que se renova é a de promover a formação integral nas escolas as quais são ambientes muito propícios para a evangelização.

E, por fim, aparece uma pista que motiva o envolvimento mais intenso da família na formação dos jovens; o que é de muito valor.

2) Espiritualidade

Essa linha de ação apresenta instrumentos para o exercício da espiritualidade que são: a oração pessoal, a oração comunitária, a participação na comunidade, a leitura orante da Bíblia, a vivência dos sacramentos, a devoção a Nossa Senhora, os diversos encontros espirituais e as leituras e reflexões.

As pistas de ação não oferecem novidades aos que já tem prática pastoral com juventudes, porém cabe ressaltar o incentivo ao uso do ofício divino da juventude, o qual é um instrumento novo construído a partir das experiências das Pastorais da Juventude do Brasil.

3) Pedagogia da formação

Essa linha de ação apresenta quatro desafios e princípios orientadores para desenvolver uma pedagogia de formação a partir de experiências já consolidadas da Igreja no Brasil e na América Latina. Os desafios e princípios orientadores são: a) prioridade da experiência sobre a teoria; aqui se fala de método para evangelização. A pedagogia de Jesus é a fonte para metodologia da evangelização. O método ver-julgar-agir-revisar-celebrar aparece como ferramenta para isso; b) pedagogia de pequenos grupos e eventos de massa, que reflete estas duas formas de evangelização. Os eventos de massa, como as Jornadas Mundiais da Juventude, o Dia Nacional da Juventude, são eventos que causam um efeito positivo e motivador nos jovens. Aqui cabe lembrar, novamente, que é necessário “garantir que os eventos de massa se integrem num processo contínuo de educação na fé” (CNBB, 2007, p. 153); c) níveis de evolução do processo de acompanhamento dos jovens. As Pastorais da Juventude entendem está dialética como processo de educação na fé e que acontecem por etapas. O termo evolução, usado no documento, pode não ser uma boa forma de falar desse processo; d) conscientizar os jovens sobre o projeto pastoral para a juventude. Esta questão é extremamente necessária, pena que nem todos os trabalhos com juventude são projetados com fundamentos pastorais.

Entre as pistas de ação, vale ressaltar o acompanhamento sistemático dos grupos. Seria interessante se todas as paróquias e comunidades investissem na formação de assessores para esse serviço e desmistificasse idéias como: qualquer pessoa pode acompanhar um grupo de jovem, principalmente casais. Além de critérios como testemunho cristão, é preciso que o assessor identifique-se com os jovens e tenha formação pedagógico-pastoral específica para esse serviço.

4) Discípulos e discípulas para a missão

Eis uma questão importante para a ação pastoral, o aspecto da missão. A evangelização sobre a lógica pastoral remete ao encontro com o outro, sobretudo com aqueles que não estão inseridos na Igreja. Seria muito fácil se propor a evangelizar somente os jovens que já participam da comunidade eclesial. É de suma importância que o jovem tenha essa compreensão para que possa evangelizar outros jovens fora do seu “gueto”. Outro ponto importante da missionariedade, citada no documento, diz respeito a uma evangelização que não tenha somente a intenção de trazer o jovem à Igreja, mas também o motive a incluir, em seu projeto de vida, a vocação de ser agente transformador na sociedade.

As pistas dessa linha de ação não apresentam novidades. Elas motivam para a prática do projeto “Missão Jovem”,² para ir ao encontro da diversidade de jovens e para a participação na comunidade eclesial e na sociedade.

5) Estruturas de acompanhamento

Essa linha de ação traz a questão que, para muitos, é a mais polêmica do documento: o Setor Juventude. O Setor Juventude já existe em âmbito nacional, mas não é citado nesta linha de ação. O Setor da juventude nacional funciona há algum tempo, mas nunca recebeu pleno reconhecimento por parte das lideranças que trabalham com juventudes. As questões políticas que afetaram o Setor sempre limitaram a sua eficácia como articulador de idéias. O documento acena para o funcionamento da estrutura de setor em âmbito diocesano e paroquial. Espera-se que essa possibilidade possa ser eficaz, justamente por estar organizado em regiões menores, o que facilita muito mais a operacionalização de ações e projetos.

² Versão juvenil das missões populares.

Quanto às estruturas para promover a comunhão entre as forças vivas das juventudes, é oportuno que as dioceses articulem um debate muito aprofundado sobre o setor juventude para que se tenha clareza do que se almeja com essa instância; de sua pertinência ou não. O Setor Juventude poderá ter sentido se contribuir de fato com a evangelização da juventude e, até mesmo, com a evangelização de quem participará desse setor. “A intenção deste setor não deverá ser a unificação dos trabalhos, mas criar comunhão entre os evangelizadores da juventude”.³

6) Ministério da Assessoria

Há muito tempo os especialistas, os assessores e os próprios jovens vem alertando sobre a fragilidade no trabalho de acompanhamento aos jovens. Há um pequeno número de assessores os quais muitos destes não possuem formação ideal.

O documento reconhece a assessoria como um ministério. De fato, o processo de educação na fé dos jovens, de forma individual e em grupo, exige um acompanhamento sistemático. A pessoa do assessor é fundamental, sobretudo nas primeiras etapas desse processo. “Faz-se necessário para tal o preparo de pessoas que tenham clareza do projeto pastoral e da metodologia para chegar aos jovens e envolvê-los num processo de educação na fé” (CNBB, 2007, p. 205). Seria muito bom para a evangelização da juventude que as dioceses e outros organismos passassem a investir ainda mais em pessoas com esse perfil.

7) Diálogo fé e razão

Há algum tempo o espaço da Igreja nas universidades é perdido por falta de um trabalho sistematizado. A Pastoral Universitária já não possui a mesma força e organização de anteriormente, estando apenas presente de forma fragmentada em algumas universidades. Há boas experiências em universidades católicas a partir dos carismas das congregações que as administram, porém são poucas perto do grande número de universidades no Brasil.

Por ser a universidade importante espaço para o diálogo fé e razão, é missão da Igreja, provocar nos jovens universitários, diante do contexto pós-moderno, um debate contínuo “para que saibam se mover de maneira crítica dentro do mundo intelectual, acompanhados de uma visão cristã autêntica para que possam

³ Neusa Mafra no Estudo do Documento 85, na Diocese de Criciúma - SC. 2007. (Não publicado).

atuar responsabilmente no mundo do qual fazem parte” (CNBB, 2007, p. 218). Essa afirmação não apresenta novidade, entretanto é de fundamental importância que seja retomada e repensada a evangelização da juventude nas universidades.

8) O direito à vida

Como já foi escrito inicialmente, a vulnerabilidade social na fase da juventude nos interpela a uma firme atuação na busca dos direitos essenciais dos jovens, como: “à educação, ao trabalho e à renda, à cultura e ao lazer, à segurança, à assistência social, à saúde e à participação social” (CNBB, 2007, p. 230). O documento reforça que tais direitos são fundamentais para que o próprio jovem venha assumir uma postura cidadã, buscando maior responsabilidade sobre si mesmo e com a sociedade.

As políticas públicas são apresentadas como importante instrumento de garantia de direitos. Mesmo sendo de responsabilidade do Estado, todo cidadão consciente deve desempenhar seu papel no processo de criação e de fiscalização das políticas públicas.

Nas pistas de ação, merece destaque o estímulo que o documento dá ao debate das questões que geram desigualdades sociais as quais tem ligação com a juventude. A Doutrina Social da Igreja aparece como um importante fundamento para compreensão e para possíveis ações sociais. E, por fim, é urgente a valorização da família como primeiro espaço de formação do jovem cidadão.

Conclusão

O documento em si é muito oportuno, essencial para o contexto histórico em que vivemos; mais ainda para a juventude, a qual atravessa uma importante e desafiadora fase da vida. Por isso, mesmo que o episcopado brasileiro, de certa forma, tenha demorado em fazer um pronunciamento à juventude do país, é muito louvável a publicação desse documento, tenha ele trazido grandes novidades ou não.

A realidade dos jovens, que é bastante diversificada, exigia uma posição sistematizada com princípios e pistas à evangelização da juventude. Esse documento, acredito, apesar de ser passível de muitas melhoras, consegue, no mínimo, despertar um debate no seio da Igreja sobre a evangelização dos jovens e, isso, por si só, já seria de grande valia. Além disso, o documento suscita

esperanças nos jovens e naquelas inúmeras pessoas que se dedicam à causa da juventude. São esses que, possivelmente, suspiram quando o documento, de forma muito feliz, apresenta a juventude como lugar teológico. Tal afirmação compromete cada evangelizador a ter um olhar mais pedagógico sobre a juventude a partir de um projeto claro de pastoral. Para isso, cada evangelizador precisará entender a juventude no seu todo, em suas dificuldades e potencialidades.

As linhas de ação propostas dão instrumentos à evangelização dos jovens e, por conta disso, merecem um olhar carinhoso e crítico para que essas linhas possam contribuir efetivamente no processo de educação na fé da juventude. Especial atenção merece a pista de ação setor juventude. Essa linha de ação não pode ser encarada como uma ação pontual, mas como uma ação muito bem planejada para que venha dar resultados benéficos à evangelização da juventude.

De um modo geral, esse documento traz mais expectativas positivas do que angústias. O documento se propõe a criar processos sem trazer receitas prontas e motiva o envolvimento de todos na construção de um projeto de pastoral forte, fundamentado no projeto maior que é o de Jesus Cristo. Pensando com essa lógica, um belo e desafiador horizonte se desenha a nossa frente. Que saibamos enxergar as luzes do Espírito Santo que nos guia nesse caminho junto aos jovens.

Referências

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL - CNBB.
Diretrizes gerais da ação evangelizadora da igreja no Brasil 2003-2006.
São Paulo: Paulinas, 2003.

_____. **Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais.**
Brasília: CNBB, 2007.

MAFRA, N. **Estudo do Documento 85, na Diocese de Criciúma – SC.** 2007.
(Não publicado).

Recebido: 17/03/2008
Received: 03/17/2008

Aprovado: 27/04/2008
Approved: 04/27/2008